

UM OLHAR FILOLÓGICO PARA O SISTEMA DE PONTUAÇÃO NOS SÉCULOS XVIII E XXI E AS SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ATUALIDADE¹

A PHILOLOGICAL VIEW AT THE PUNCTUATION SYSTEM IN THE 18TH AND 21ST CENTURIES AND THEIR CONTRIBUTIONS TO THE TEACHING OF PORTUGUESE LANGUAGE NOWADAYS

Carolina Akie Ochiai Seixas Lima²

Josenilce Rodrigues de Oliveira Barreto³

Tháisa Maria Gazziero Tomazi⁴

RESUMO

O artigo apresentado trata da importância do estudo da pontuação para a Língua Portuguesa, que muitas vezes é negligenciada em comparação com outras áreas gramaticais. Acredita-se que, para ensinar a pontuação, é necessário ter conhecimento sobre a história da língua portuguesa e as mudanças pelas quais ela passou ao longo dos anos. O objetivo do texto é contribuir para o estudo da pontuação para a Língua Portuguesa, por meio da análise de um *corpus* de textos manuscritos do século XVIII, pertencentes ao Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Utilizamos a metodologia quali-quantitativa, selecionando trechos dos documentos que representam, em recorte, o uso do sistema de pontuação utilizado. Para a comparação das normas gramaticais, este artigo apresentou as normas vigentes no século XVIII escritas por Feijó (1734) e no século XXI escritas por Cegalla (2008). Concluímos que o estudo da pontuação é importante para a compreensão da língua portuguesa e sua mudança ao longo do tempo e que os conhecimentos acerca da história da língua não devem ser dissociados da prática docente na educação básica. Além disso, refletimos sobre a necessidade de serem propostas sequências didáticas filológicas que possam oportunizar aos estudantes exercícios observacionais e comparativos das práticas de escrita passadas com as atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Sistema de pontuação. Língua Portuguesa. Ensino.

ABSTRACT

The presented article addresses the importance of studying punctuation in the Portuguese language, which is often neglected in comparison with other grammatical areas. It is believed that, to teach about punctuation, is necessary to have knowledge about the history of the Portuguese language and the changes that it has undergone over the years. The objective of this paper is to contribute to the study of punctuation in the Portuguese language, through the analysis of a *corpus* of manuscript texts from the 18th century, which belong to the

¹ Parte deste capítulo é fruto da dissertação de mestrado intitulada *Um estudo filológico e linguístico em manuscritos matogrossenses: a Mesa da Consciência e Ordens e o Cofre das Três Chaves (1769 – 1772)*, de autoria de Tháisa Maria Gazziero Tomazi, defendida em 29 de agosto de 2022 junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso.

² Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), carolina.lima@ufmt.br, <https://orcid.org/0000-0002-8678-9895>.

³ Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), josenilce.barreto@ufob.edu.br, <https://orcid.org/0000-0001-9714-4630>.

⁴ Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), thaisa.ufmt@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-6295-4182>.

Public Archive of the State of Mato Grosso. Quali-quantitative methodology was applied, selecting excerpts from the documents that represent the punctuation system used at that time. For the comparison of grammatical norms, this article presented the norms in force in the 18th century written by Feijó (1734) and in the 21st century written by Cegalla (2008). We conclude that the study of punctuation is relevant for understanding the Portuguese language and its changing over time, and that knowledge of the history of the language should not be dissociated from the teaching practices of elementary education. In addition, we reflect on the need to propose a philological didactics sequences that can provide students with observational and comparatives exercises of the past writing practices with the current ones.

KEYWORDS: Punctuation system. Portuguese Language. Teaching.

Introdução

Ao ensinar o sistema de pontuação, o professor de Língua Portuguesa tem, indiscutivelmente, que rememorar os conhecimentos adquiridos em sua formação inicial e/ou continuada acerca da História da nossa língua. Para isso, a principal consideração a ser feita é a de que muitas foram as mudanças pelas quais a Língua Portuguesa passou desde o Diálogo de São Gregório (séc. XIV) até os dias atuais.

No que se refere ao sistema de pontuação, tanto em obras que versam sobre o sistema gramatical do Galego-Português quanto em Gramáticas da Língua Portuguesa, o que encontramos, na maioria das vezes, são capítulos que tratam do estudo da frase, estrutura do parágrafo ou do sistema ortográfico. Poucas obras ou trabalhos científicos, entretanto, detêm-se ao estudo do sistema de pontuação da nossa língua.

Ao termos ciência dessa lacuna, objetivamos, a partir deste texto, contribuir para os estudos acerca do sistema de pontuação da Língua Portuguesa, apresentando, primeiro, uma análise feita em um *corpus* que compreende textos do século XVIII, pertencentes ao acervo do Arquivo Público do Estado de Mato Grosso. Os materiais selecionados são documentos manuscritos, produzidos entre 1769 e 1772, que denotam o sistema de pontuação utilizado pelos responsáveis pela escrita do *corpus* no período em questão e, em segundo, refletimos, ainda que timidamente, sobre a necessidade de serem pensadas sequências didáticas filológicas que possam contribuir para o ensino de Língua Portuguesa na atualidade.

A metodologia utilizada foi a quali-quantitativa, a partir da qual selecionamos o material a ser analisado, de acordo com a temática e o período de produção. Trabalhamos com manuscritos, cujo tema versa sobre a Mesa da Consciência e Ordens e o Cofre das Três Chaves, dos quais foram selecionados e analisados trechos em que o sistema de pontuação seria considerado representativo para o período histórico em que os documentos foram produzidos.

Ainda como método de preparação do *corpus* (apresentado em sua íntegra na dissertação de mestrado intitulada “Um estudo filológico e linguístico em manuscritos matogrossenses: a Mesa da Consciência e Ordens e o Cofre das Três Chaves (1769 – 1772)” e de autoria de Thaísa Maria Gazziero Tomazi), baseamo-nos nas Normas de edição de manuscritos, propostas pelo Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB)⁵ e adotadas pelos membros do *Folium* – Grupo de Estudos

⁵ As normas de edição estão disponíveis no endereço eletrônico: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/>

de Filologia e História, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ e sediado na Universidade Federal de Mato Grosso, e do qual as duas primeiras autoras deste artigo são líderes e a terceira é membra pesquisadora a nível de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da mesma universidade.

Neste artigo, portanto, utilizamos como base apenas as normativas vigentes nos séculos XVIII e XXI. Para tanto, tomamos como *corpus* a obra intitulada *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza*, publicada em Lisboa, no ano de 1734 pelo presbítero do hábito de São Pedro, bacharel em Teologia e pregador, João de Moraes Madureira Feijó, a qual acreditamos estar vigente no período de escrita dos manuscritos (1769-1772), e para o século XXI, apoiamo-nos na *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*, escrita por Domingos Paschoal Cegalla, em sua 48ª edição publicada em 2008, por ser uma gramática normativa que está em constante atualização. Por fim, apresentamos, a partir das análises empreendidas, uma reflexão sobre a necessidade de propostas didáticas em Filologia, com o fito de oportunizar aos estudantes da Educação Básica exercícios observatórios e, ao mesmo tempo, comparativos das práticas de escrita passadas com as atuais.

1. O sistema de pontuação português no século XVIII

João de Moraes Madureira Feijó, na segunda parte da sua *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza* (1734), exhibe as normas do sistema de pontuação. O autor apresenta as formas de uso da vírgula, do ponto e vírgula, dos dois pontos, do ponto de interrogação, do ponto de exclamação (chamado pelo autor de ponto de admiração), do ponto final, dentre outros. O apóstrofo, por sua vez, tem seu uso explicado juntamente com os sinais de acentuação, na parte introdutória da obra em pauta, apresentado como ‘Viraccento’ ou ‘Viracento’ (FEIJÓ, 1734, p. 17).

Com o objetivo de apresentar os sinais de pontuação, a representação gráfica e as suas definições e formas de uso listadas por Feijó (1734), sistematizamos, a seguir, essas informações na tabela 1:

normas-de-edicao-do-phpb-2a-versao (Acesso em: 12 fev. 2023).

Tabela 1: Os sinais de pontuação, suas representações gráficas e as suas definições e formas de uso, segundo Feijó (1734).

Sinal de pontuação	Representação gráfica	Definição e formas de uso segundo Feijó.
Vírgula	,	<p><i>Virgula</i> he huma breve risquinha, [...] da qual se usa na escripta, para distincão das oraçoens, e descanso, ou pausa no ler, para não perturbar o sentido do que está escripto.</p> <p>O uso mais frequente da <i>Virgula</i> [...], he depois dos verbos com seos casos: ou para melhor dizer, no fim de cada oraçaõ, em que se faz sentido imperfeito no que dizemos; mas não se pára, e o que se diz, depende do que vay adiante, athe fazer sentido perfeito.</p> <p>Sempre se põem <i>Virgula</i> antes dos relativos, e antes das conjunçoens. Tambem sempre se põem <i>Virgula</i> entre adjéctivos, quando ocorrem muitos no mesmo caso. [...] O mesmo se usa entre vozes copuladas, ou substantivos juntos com conjunçaõ, ou sem ella. [...] Mas não se porá virgula entre os substantivos continuados, que são pertencentes a huma so cousa.</p>
Ponto e vírgula	;	<p>[...] O P. <i>Bento Pereyra</i> na sua <i>Orthographia</i> diz, que se usará de ponto, e virgula, aonde nem basta so a virgula, nem convem pôr dous pontos; o que sucede no fim de algum dicto, ou sentença imperfeita no sentido; porque nella não acaba todo o sentido do que se quer dizer.</p> <p>O que me parece mais claro, para se perceber o uso desta pontuaçaõ he, que todas as vezes, que algum dicto, ou sentença não fechar o sentido, mas continuar por diante com estas particulas <i>Mas, Porem, Porque, Aindaque, Postoque</i>, e outras semelhantes; poremos sempre ponto, e virgula no fim da oraçaõ, depois da qual se seguir alguma das dictas particulas Portuguezas.</p> <p>Tambem se usa do ponto, e virgula entre os verbos de significação contraria, quando se ajuntao.</p>
Dois pontos	:	<p>Usamos de dous pontos no fim de alguma sentença, ou dicto, que faz hum sentido perfeito, e não depende do que vay adiante; ainda que seja parte da materia, que se continúa. E a differença, que ha entre ponto, e virgula, e dous pontos, he que o ponto, e virgula so se põem depois do dicto, ou oraçaõ, que acaba; mas deixa o sentido suspenso, athe se dizer o que vay adiante: e os dous pontos põemse depois do dicto, ou oraçaõ, que acaba com sentido perfeito, e não depende do que vay adiante; mas he parte da materia, que se continúa.</p> <p>Tambem usamos de dous pontos, quando se allega o dicto, ou sentença de algum Auctor. [...] E advirtale, que o dicto do Auctor, sempre principia por letra grande. Tambem se põem dous pontos, quando promettemos dizer alguma cousa, antes da cousa que dizemos.</p>
Ponto final	.	<p>O ponto final he hum so, o qual so se põem depois de algum ditto, ou sentença, ou oraçaõ, na qual finalisa totalmente o sentido do que se diz; de tal sorte, que não depende do que vay adiante, nem he parte sua; mas totalmente diversa. [...] Depois de ponto, sempre se principia por letra grande.</p>

Ponto de interrogação	?	O final da interrogaçãõ, ou ponto interrogativo, he hum ponto com huma risquinha por cima, da figura de um S, virado para traz, deste modo ? Este se põem no fim de toda a pergunta, que fazemos. [...] Depois de ponto interrogativo ordinariamente se principia por letra grande.
Ponto de exclamação	!	O final da admiraçãõ, ou ponto admirativo, he hum ponto com hum rayosinho direito sobre o ponto, que se faz assim !: Este põemse no fim de alguma cousa, que escrevemos com admiraçãõ. [...] Depois do ponto admirativo, tambem se principia por letra grande.
Parágrafo	§	<i>Parágrapho</i> , ou <i>Parágrafo</i> , a que outros chamaõ <i>Articulo</i> , ou <i>Aphorismo</i> , he final de divisaõ, de que se usa nas postillas, e livros de direito, de Philosophia, e Theologia, quando de hum tractado se passa para outro diverso. Escrevese com dous ¶¶ carregado hum sobre o outro, deste modo: §. E os dous ¶¶, querem dizer <i>Signum Sectionis</i> : final da secçãõ, ou divisaõ.
Parênteses	()	<i>Parenthesis</i> , [...] servem, quando entre o sentido de alguma oraçãõ, se mette alguma cousa, que não pertence ao sentido do que se vay dizendo, ainda que seja da materia, do que se falla; e so serve para mais declarar, ou encarecer, ou diminuir alguma cousa: mas de tal sorte, que ou posta, ou tirada a figura <i>Parenthesis</i> , sempre o sentido da oraçãõ fica perfeito. Tambem se usa de <i>Parenthesis</i> , quando no meyo de algua sentença, ou dicto, que referimos, nomeamos o Author.
Asterisco	*	[...] serve, ou para denotar palavras, que faltaõ em algum Auctor, ou para final de ponderaçãõ nas palavras, antes das quaes se põem.
Hífen	-	A <i>Conjunçãõ</i> , a que os Gregos chamaõ de <i>Hyphen</i> [...] serve este sinal para unirmos duas palavras, que por si saõ separadas como se foraõ huma so na pronunciaçãõ.
Apóstrofo	'	Ha outro accentto, a que chamaõ <i>Viraccento</i> , ou <i>Apostrofo</i> , [...] se usa, quando depois das preposiçoens, que acabaõ em vogal, principia algum nome tambem por vogal; e comoduas voages assim juntas, não fazem boa consonancia na pronunciaçãõ, tirase a vogal da preposiçãõ, e em seu lugar se põe o <i>Viraccento</i> . [...] Porque as preposiçoens sempre se pronunciaõ juntas com as palavras, que se lhe seguem, como se foraõ huma so dicçãõ.

Fonte: Adaptado por Tháisa Maria Gazziero Tomazi da obra *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa* (FEIJÓ, 1734).

2. O sistema de pontuação português no século XXI

De acordo com Cegalla (2008), em sua *Novíssima gramática da Língua Portuguesa*, os sinais de pontuação têm a seguinte finalidade: a) assinalar as pausas e as inflexões da voz (entonação) na leitura; b) separar palavras, expressões e orações que devem ser destacadas e c) esclarecer o sentido da frase, afastando qualquer ambiguidade. O autor (2008) afirma que não há uma uniformidade entre

os escritores quanto ao emprego do sistema de pontuação e que não é possível traçar normas rigorosas sobre essa matéria.

A seguir, apresentamos outra tabela com as definições e formas de uso que o autor deu para cada sinal de pontuação:

Tabela 2: Os sinais de pontuação, suas representações gráficas e definições e formas de uso, segundo Cegalla (2008).

Sinal de pontuação	Representação gráfica	Definição e formas de uso, segundo Cegalla
Ponto final	.	É o signo utilizado para fechar o período e é usado também nas abreviaturas por suspensão.
Ponto de exclamação	!	Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc. além de substituir a vírgula depois de um vocábulo enfático.
Reticências	...	São usadas, principalmente a) para indicar suspensão ou interrupção do pensamento, ou ainda, corte da frase de um personagem pelo interlocutor, nos diálogos; b) no meio do período, para indicar certa hesitação ou breve interrupção do pensamento; c) no fim de um período gramaticalmente completo, para sugerir certo prolongamento da ideia; d) para sugerir movimento ou a continuação de um fato; e) para indicar chamamento ou interpelação, em lugar de ponto interrogativo e f) para indicar supressão de palavra(s) numa frase transcrita, caso em que se podem usar quatro pontos, em vez de três.
Parênteses	()	Usam-se para isolar palavras, locuções ou frases intercaladas no período, com caráter explicativo, as quais são proferidas em tom mais baixo e, às vezes, substituem a vírgula ou o travessão.
Vírgula	,	É usada para separar a) palavras ou orações justapostas assindéticas; b) vocativos; c) apostos e certos predicativos; d) orações intercaladas e outras de aspecto explicativo; e) certas expressões explicativas ou retificativas, como <i>isto é, a saber, por exemplo, ou melhor, ou antes</i> , etc.; f) orações adjetivas explicativas; g) orações adverbiais desenvolvidas (de modo geral); h) orações adverbiais reduzidas; i) adjuntos adverbiais; j) certas conjunções pospositivas, como <i>porém, contudo, pois, entretanto, portanto</i> , etc.; k) os elementos paralelos de um provérbio; l) termos que desejamos realçar; m) o nome do lugar na datação e n) serve para indicar a elipse de um termo.
Ponto e vírgula	;	Denota uma pausa mais sensível que a vírgula e emprega-se principalmente para separar orações coordenadas de certa extensão, em enumerações, para separar os considerandos de um decreto, de uma sentença, de uma petição, etc. e para separar os itens de um artigo de lei, de um regulamento.

Apóstrofo	,	Indica a supressão da vogal da preposição <i>de</i> em certas palavras compostas: galinha-d'angola, pau-d'arco, estrela-d'alva, caixa-d'água, etc.
Ponto de interrogação	?	Usa-se no fim de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente e pode aparecer, às vezes, no fim de uma pergunta intercalada, que pode, ao mesmo tempo, estar entre parênteses.
Dois-pontos	:	Emprega-se para anunciar a fala dos personagens nas histórias de ficção; antes de uma citação; antes de certos apostos, principalmente nas enumerações; antes de orações apositivas e para indicar um esclarecimento, um resultado ou resumo do que se disse.
Travessão	—	É um traço maior que o hífen e usa-se a) nos diálogos, para indicar mudança de interlocutor ou, simplesmente, início de fala de um personagem; b) para separar expressões ou frases explicativas, intercaladas; c) para isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar e d) às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois-pontos.
Aspas	“ ”	Usam-se as aspas antes e depois de uma citação textual (palavra, expressão, frase ou trecho; costuma-se aspear expressões ou conceitos que se deseja pôr em evidência e põem-se entre aspas ou, então, grifam-se palavras estrangeiras, termos da gíria, expressões que devem ser destacadas.
Colchetes	[]	Têm a mesma finalidade dos parênteses; todavia, seu uso se restringe aos escritos de cunho didático, filológico ou científico. Na transcrição de um texto, indicam inclusão de palavra(s).
Asterisco	*	É usado para remeter a uma nota ou explicação ao pé da página ou no fim de um capítulo; nos dicionários e nas enciclopédias, para remeter a um verbete e no lugar de um nome próprio que não se quer mencionar: <i>o Dr.*</i> , <i>o jornal ***</i> .
Parágrafo	§	Serve para indicar um parágrafo de um texto ou artigo de lei.
Hífen	-	Emprega-se o hífen em palavras compostas cujos elementos conservam sua autonomia fonética e acentuação própria, mas perderam sua significação individual para constituir uma unidade semântica, um conceito único; para ligar pronomes átonos a verbos e à palavra <i>eis</i> ; em adjetivos compostos; em vocábulos formados pelos adjetivos de origem tupi <i>açu</i> , <i>guaçu</i> e <i>mirim</i> , se o elemento anterior acaba em vogal acentuada ou nasal; em vocábulos formados por elementos e prefixos que têm acentuação própria (tônicos); depois de <i>circum-</i> , <i>mal-</i> e <i>pan-</i> , antes de vogal, <i>m</i> , <i>n</i> ou <i>h</i> ; depois de <i>bem-</i> (como prefixo e não como advérbio), antes de palavras que têm vida autônoma e quando a pronúncia o exigir; nos encadeamentos de palavras; na partição de palavras no fim da linha.

Fonte: Adaptado por Thaísa Maria Gazziero Tomazi da obra *Novíssima gramática da Língua Portuguesa* (CEGALLA, 2008).

3. As fontes de pesquisa – manuscritos do século XVIII e o sistema de pontuação português

Sabemos que é uma tarefa nada fácil a análise dos sinais gráficos em documentos manuscritos de épocas pretéritas, pois os diacríticos são sinais sutis que podem desaparecer pela ação do tempo ou pelo desgaste do material, e também com o desaparecimento da tinta, de acordo com Cambraia (2005, p. 121).

Os manuscritos selecionados para análise se inserem num período da História em que a gramatização da Língua Portuguesa estava passando por mudanças. Faraco (2019) afirma que, na metade do século XVIII, após a Revolução Francesa de 1789, inicia-se em Portugal a defesa do ensino da língua vernácula como principal, em substituição ao latim. A partir de então, inicia-se a fixação de normas de referência gramatical, lexical e ortográfica. Normas que foram priorizadas pelo Marquês de Pombal quando da reestruturação educacional, que só se materializou durante o século XIX.

Fernão de Oliveira foi o primeiro a sistematizar as normas da Língua Portuguesa com a obra *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, publicada em Portugal, em 1536. No Brasil, Ignacio Felizardo Fontes publica, em 1816, a obra intitulada *Arte de Grammatica Portugueza*.

Nos manuscritos analisados neste trabalho encontramos como Governador do Estado de Mato Grosso, à época, o capitão-general Luis Pinto de Souza Coutinho, que governou o Estado entre os anos de 1769 a 1772.

O *corpus* aqui analisado apresenta notícias da comunicação entre a Capitania de Mato Grosso e a Coroa Portuguesa. Esses registros são respostas que foram ditadas⁶ pelo capitão-general e escritas em um livro para salvaguardar as soluções tomadas para os problemas da época. Esses livros de registros eram elaborados a fim de evitar a renovação de atos que não existiram e essas cópias podem ser consideradas originais com valor histórico e jurídico, chamados de testemunhos idiógrafos, de acordo com Cambraia (2005).

Neste artigo, entretanto, não apresentaremos, como dito anteriormente, os manuscritos utilizados como *corpus* da pesquisa e nem a sua edição, realizada a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Filologia Textual, mas apenas os seus recortes para análise dos *corpora*.

Nos materiais analisados, pudemos observar que em alguns daqueles textos há a interessante solicitação de “pessoas que escrevam”, pois o capitão-general Luis Pinto de Souza Coutinho alegava estarem em falta na Capitania de Mato Grosso pessoas que soubessem ler e escrever, o que nos leva à hipótese de que muitas das ocorrências de uso dos sinais de pontuação podem ser idiossincrasias do escriba em questão, tendo-se em vista que, assim como a ortografia das palavras, o uso da pontuação também dependia da formação escolar dos escribas enviados pela Coroa. Machado Filho (2004, p. 18) afirma que os escribas conheciam a língua latina e, por esse motivo, eles poderiam ter adaptado os condicionamentos ou prescrições da pontuação latina na escrita da Língua Portuguesa.

⁶ Essa informação pode ser confirmada através das assinaturas ao fim de cada registro. São assinaturas dos secretários de governo que também eram seus escribas, dentre outras funções.

No que se refere ao uso do sistema de pontuação, Machado Filho (2004, p. 34) afirma que ela [a pontuação] “desempenha, hoje, nas diversas línguas escritas contemporâneas um papel fundamental no processo da produção textual, assim como elemento facilitador e concatenador do ato de leitura e da interpretação de textos”.

Assim sendo,

dentro do sistema de escrita tem a pontuação um papel relevante nos domínios das operações de construção e recepção de um dado enunciado, já que a substituição de um ou outro sinal numa frase implicaria na alteração de seu conteúdo semântico, no seu ordenamento sintático ou no seu valor comunicativo como um todo (MACHADO FILHO, 2004, p. 38).

Nesse sentido, a pontuação deveria levar em consideração a fala e a língua escrita. Machado Filho (2004, p. 40) propõe que os sinais de pontuação estariam no “limbo” entre a modalidade da língua escrita e da falada, uma vez que eles servem como “elemento funcional” às necessidades das expressões escritas e da expressão oral.

De acordo com Dubois *et al.* (2006), a pontuação se presta a

indicar os limites entre os diversos constituintes da frase complexa ou das frases constituintes de um discurso, ou para transcrever as diferentes entonações, ou ainda para indicar as coordenações ou subordinações diversas entre as proposições, utiliza-se um sistema de signos chamados de pontuação. O sistema se constitui no francês, como no português, de ponto (.), ponto de interrogação (?), ponto de exclamação (!), de vírgula (,), de ponto e vírgula (;), de dois pontos (:), de reticências (...), de parênteses (()), de colchetes ([]), de aspas (“ ”), de travessão (–), de asterisco (*) e de alínea. (DUBOIS *et al.*, 2006, pp. 473-4).

Sendo assim, os sinais de pontuação orientam o leitor, servindo como um sistema de sinalização que norteia a escrita e a leitura. De acordo com Moreno (2011), o sistema de pontuação atual sofreu, ao longo de sua história, alterações desde a Grécia antiga através das mudanças da escrita, para oferecer ao leitor uma orientação segura, um texto que possa ser lido e compreendido.

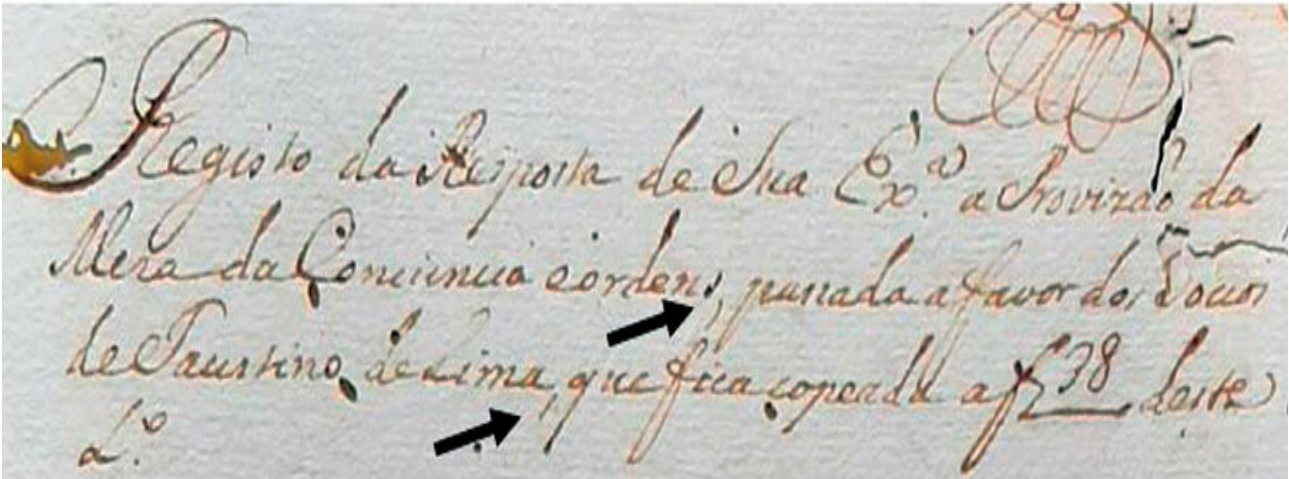
4. Dados analisados

Os *corpora* analisados neste artigo demonstram como os sinais de pontuação eram empregados no século XVIII, mais especificamente durante os anos de 1769 a 1772.

Pudemos observar que o uso da vírgula estava de acordo com as regras vigentes na *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*, de Feijó (1734), ocorrendo para separar as orações e antes do pronome relativo ‘que’, como pode ser visto no excerto a seguir extraído do manuscrito 1, nas linhas de 5 a 8:

Registo da Resposta de Sua Excelência a Provisão da | Mesada Consciência e ordens, passada a favor dos sócios | de Faustino de Lima, que fica copeada a folha 38 deste | Livro (Ms1, linhas 5-8)

Figura 1: Excerto recortado do manuscrito 1 recto (1769), referente às linhas de 5 a 8, marcadas pelas setas para melhor visualização.



Fonte: *Fac-símile* do registro de resposta sobre o cumprimento das ordens da Provisão da Mesa da Consciência e Ordens, escrito em 9 de janeiro de 1769 em Vila Bela da Santíssima Trindade, pertencente ao Arquivo Público do Estado do Mato Grosso.

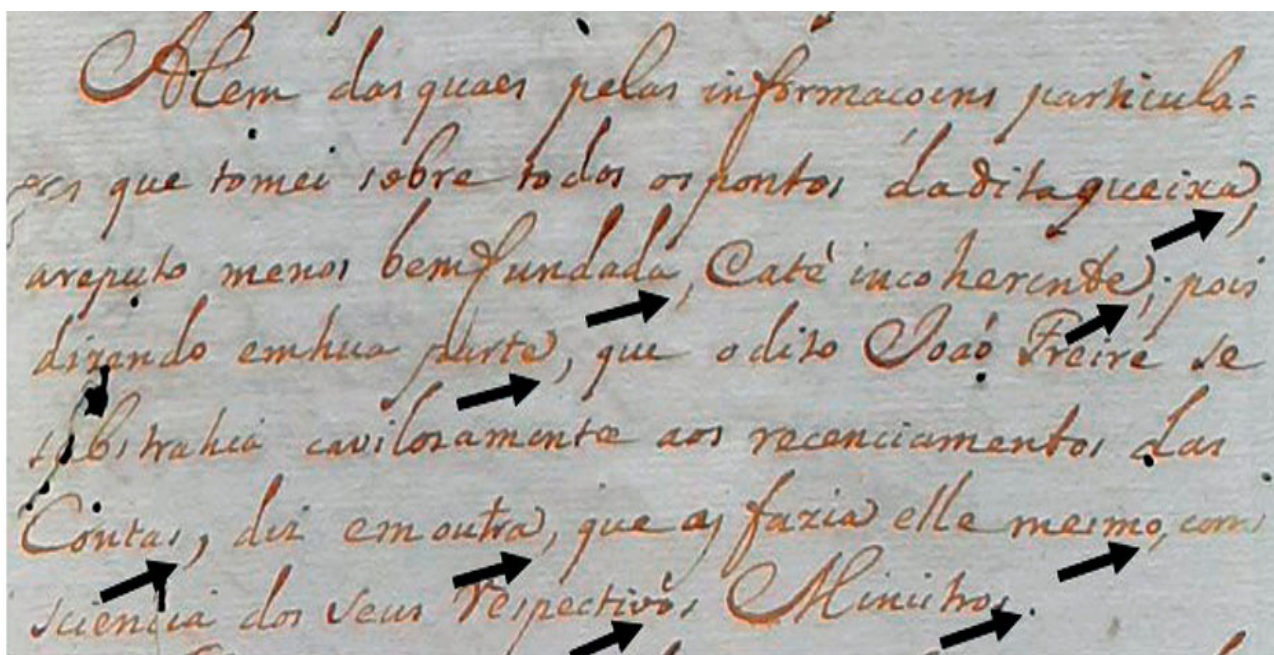
Foi observado mais um exemplo de emprego da vírgula conforme as regras correntes no período de escrita dos documentos. Ela aparece antes da conjunção ‘e’, antes do pronome relativo ‘que’, antes da conjunção ‘com’ e marca, também, a separação de orações. Identificamos o uso do ponto final empregado na linha 65 para encerrar o parágrafo, finalizando “totalmente o sentido do que se diz” (FEIJÓ, 1734, p. 127). Outro uso de sinal de pontuação que aparece aplicado conforme as regras de Feijó é o ponto e vírgula antes da conjunção ‘pois’ na linha 61, que separa as orações e é onde não “basta só a vírgula” (FEIJÓ, 1734, p. 125).

Todavia, neste mesmo excerto, podemos ver que o escriba deixou de empregar a vírgula antes do ‘que’ que aparece na linha 60, comprovando a dificuldade citada anteriormente no uso dos sinais de pontuação.

Para exemplificar, as análises a seguir foram realizadas no excerto do manuscrito 2, nas linhas 59 a 65:

Alem das quaes pelas informações particula= | res que tomei sobre todos os pontos da ditaqueixa, | areputo menos bemfundada, eaté incoherente; pois | dizendo emhua parte, que o dito Ioaó Freire se | sobitrahia cavilosamente aos recenciamentos das | Contas, diz em outra, que as fazia elle mesmo, com | sciencia dos seus respectivos Ministros. (Ms2, linhas 59-65).

Figura 2: Excerto recortado do manuscrito 2 (1769), referente às linhas de 59 a 65, marcadas pelas setas para melhor visualização.

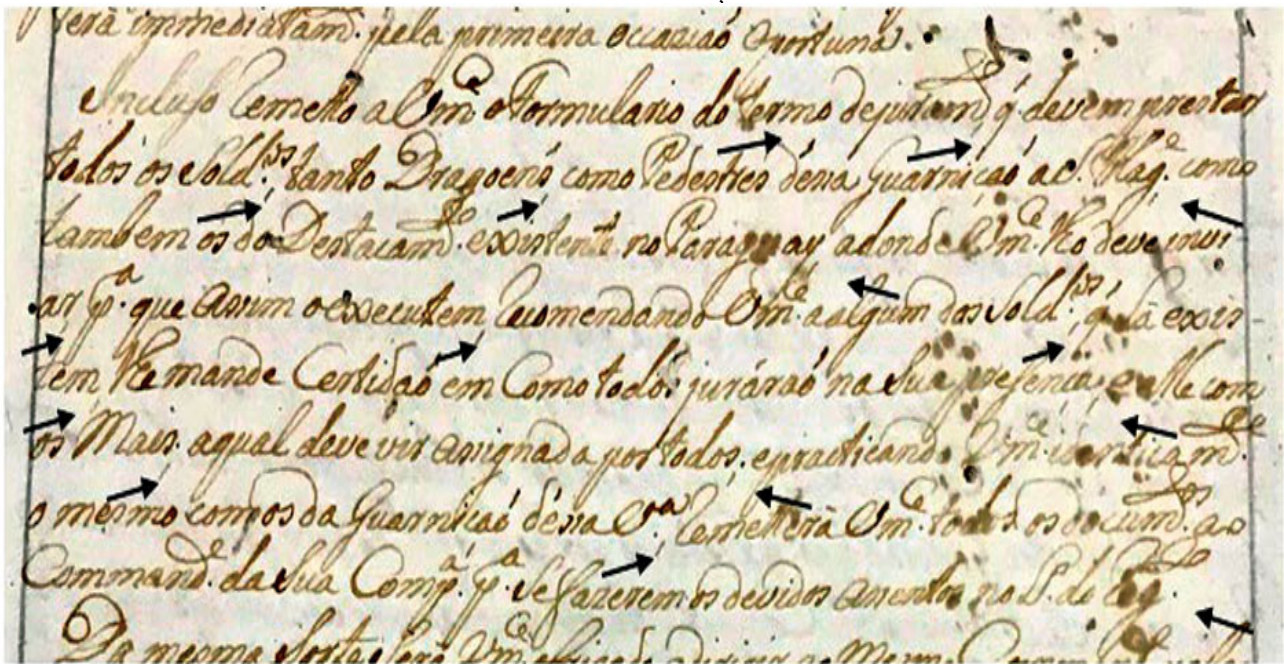


Fonte: Fac-símile do registro de resposta sobre uma queixa realizada na Mesa da Consciência e Ordens, escrito em 15 de janeiro de 1769 em Vila Bela da Santíssima Trindade, pertencente ao Arquivo Público do Estado do Mato Grosso.

No excerto a seguir encontramos o emprego da pontuação conforme as regras encontradas na *Ortographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a língua portugueza*, de Feijó (1734), além do uso do apóstrofo, que foi utilizado para aglutinar a preposição ‘de’ com o pronome demonstrativo feminino ‘essa’ na linha 10. Sobre o apóstrofo, Feijó (1734, p. 17) diz que ele é usado “quando depois das preposiçoens, que acabaõ em vogal, principia algum nome tambem por vogal; e comoduas voages assim juntas, não fazem boa consonancia na pronunciação, tirase a vogal da preposiçaõ, e em seu lugar se põe o *Viraccento*”.

Incluso remetto aVossa Magestade oFormulario do termo dejuramento, que devem prestar | todos os soldados, tanto Dragoens’, como Pedestres d’essa Guarniçaõ aSua Magestade; como | tambem os doDestacamento existente no Paraguay, adondeVossa Magestade lho deve invi- | ar para que assim oexecutem, recomendandoVossa Magestade aalgum dos soldados, que là exis- | tem, lhe mande certidaõ em como todos juráraõ naSua presença, e elle com | os mais; aqual deve vir assignada por todos; epracticando Vossa Magestade identicamente | o mesmo campos daGuarniçaõ d’essaVilla, remetteràVossa Magestade todos os documentos ao | commandante daSua companhia para sefazerem os devidos assentos no Livro de Registo. (Ms6, linhas 9-16).

Figura 3: Excerto recortado do manuscrito 6 (1769), referente às linhas de 9 a 16, marcadas pelas setas para melhor visualização.



Fonte: Fac-símile do aviso de envio do termo de juramento para os soldados, pedido de remissão de uma arma de um soldado falecido e pedido de um lançamento de um edital para recrutar mais soldados, pertencente ao Arquivo Público do Estado do Mato Grosso.

Os *corpora* analisados nos permitem algumas conclusões a respeito do uso do sistema de pontuação na Língua Portuguesa. O estudo da gramática vigente no período de escrita dos documentos manuscritos permitiu a verificação de que as regras apresentadas por Feijó, em 1734, eram empregadas pelos escribas, o que nos possibilita levantar a hipótese de que os escribas daqueles documentos possuíam uma boa ou alguma formação escolar.

Pudemos observar algumas mudanças no uso da vírgula e do ponto e vírgula nas orações, uma vez que as regras ainda estavam sendo estruturadas, e no Brasil essas normas só começaram a ser utilizadas 82 anos depois da publicação da gramática escrita por Feijó (1734), quando Fontes, em 1816, publicou a obra intitulada *Arte de Grammatica Portugueza*.

5. Contribuições dos estudos realizados acerca do sistema de pontuação português em textos dos séculos XVIII e XXI para o ensino de Língua Portuguesa na atualidade

Como pudemos observar, o uso do sistema de pontuação empregado pelos escreventes no recorte temporal aqui analisado nos permite afirmar que aquelas pessoas tinham conhecimento das normas gramaticais referentes ao uso da pontuação explanada por Feijó (1734). Do mesmo modo, identificamos que a maioria das orientações apresentadas por Feijó (1734) são similares às apontadas

por Cegalla (2008), o que reforça a ideia de que a construção normativa das gramáticas aqui estudadas se mantém em sua maior parte.

Em relação aos manuscritos analisados, reiteramos a necessidade de preparar filologicamente o material a ser estudado linguística e/ou ortograficamente, com o fito de preservar o estado de língua e ortografia presentes no texto, objeto de estudo da Filologia.

Dessas considerações pode-se refletir sobre a atuação do professor de língua portuguesa, a partir dos conhecimentos adquiridos em sua formação inicial e/ou continuada. Quer dizer, as pesquisas realizadas no âmbito da Filologia e história da língua não podem e nem devem ficar restritas aos muros da universidade e desvinculadas da prática docente que o professor deve adotar em sala de aula, mas contribuir para que ele possa ter arcabouço teórico sólido o suficiente para pautar as suas explicações e atividades didáticas baseadas em dados históricos, considerados os melhores dados que se tem para observar o estado de língua e gramática de um determinado período histórico.

Sobre as formas gráficas presentes em um texto escrito em português no século XVIII ou no XXI, é possível compreender que se “[...] compararmos um texto de um secretário do governo português dos séculos XVIII ou XXI com um texto produzido por um aluno do ensino fundamental ou médio do Brasil, no século XXI, percebemos algo em comum. [...]” (XIMENES, 2016, p. 27) em relação à grafia e ao uso do sistema de pontuação, principalmente se se tratarem de pessoas que tiveram ao menos contato com a escolarização. Partindo disso,

Os profissionais da educação devem ter cuidado ao selecionarem textos para leitura e análise em sala de aula. A formação dos professores, não somente da área da linguagem, deve contemplar os conteúdos e métodos filológicos tanto na prática de edição de textos, para se estudar os usos da língua e para isso é necessário também conhecer a história da língua, quanto na prática da crítica textual no sentido de se averiguar e se ter uma visão crítica no quesito de seleção de textos bem editados. (XIMENES, 2016, p. 31).

Em outras palavras, ter uma formação básica em Filologia/Crítica Textual ajudará o professor de Língua Portuguesa na escolha de textos, considerados pelos especialistas da área, fidedignos, que permitam o estudo dos usos da língua em um determinado período. Logo, ter ciência e aplicar isso na sua prática docente pode evitar a ocorrência de equívocos quando da seleção de textos com sérios problemas de sintaxe, ortografia, pontuação, paragrafação, lexical etc., muitas vezes extraídos da internet, e utilizados em sala de aula sem que, muitas das vezes, o próprio professor tenha conhecimento disso, devido a uma formação deficitária em Filologia/Crítica Textual.

Além da formação docente, uma estratégia didática que pode ser adotada pelo professor em sala de aula é, em dado momento do ano letivo e com uma sequência didática bem pensada e elaborada em parceria com a coordenação pedagógica, levar para a sala de aula textos que foram escritos no passado, com a finalidade de oportunizar aos estudantes um exercício de observação e comparação das práticas de escrita do passado com as dele no presente. Tal exercício pode fazer os estudantes das escolas atuais refletirem sobre o “[...] processo de escrita e constituição histórica da língua [...] não somente

no que diz respeito à grafia, mas o texto como um todo desde os gêneros discursivos que circulavam e os que são hoje produzidos com seus conteúdos veiculados que remontam ao conhecimento da história da sociedade.” (XIMENES, 2016, p. 30).

Desses apontamentos o que se pode constatar é a necessidade de presença da Filologia nas salas de aula da educação básica, principalmente em cidades e Estados em que as pesquisas filológicas ainda são incipientes e que, portanto, contribuem para o aumento de uma formação filológica deficitária de professores de línguas, o que, inevitavelmente, nos une ao coro de Ximenes (2016, p. 34) quando este afirma que é necessária uma aproximação dos estudos filológicos com a escola básica, especialmente com o Ensino Médio, e com os seus professores “[...] que têm a obrigação de conhecer a língua e os textos” e, conseqüentemente, a história da língua que falamos e ensinamos, enquanto professoras que somos.

Considerações finais

Com este trabalho visamos contribuir, mais uma vez, com os estudos referentes aos sinais de pontuação, que ainda possuem poucos estudos científicos e analíticos. Dessa forma foram escolhidos documentos manuscritos produzidos no século XVIII para ilustrar como as normativas dos sinais de pontuação sofreram alterações em comparação às normas utilizadas no século atual.

Para tal comparação, este estudo apresentou as normas vigentes no século XVIII escritas por Feijó (1734) e atestadas em manuscritos do período, e no século XXI escritas por Cegalla (2008).

Encontramos, frente à variação de usos do sistema de pontuação observada nos excertos dos manuscritos aqui apresentados, pertencentes ao século XVIII, uma sistematicidade que aponta para as diferentes funções de cada sinal de pontuação. Além disso, visamos cooperar com a compreensão de aspectos do desenvolvimento histórico do sistema de pontuação da Língua Portuguesa, optando por observar as normas e os seus usos.

Por fim, refletimos sobre a atuação dos professores de língua portuguesa na educação básica e os seus conhecimentos acerca da história da língua, os quais não devem ser dissociados da sua prática docente em sala de aula, podendo vir a fazer parte de sequências didáticas pensadas e elaboradas para oportunizar aos estudantes exercícios de observação e comparação das práticas de escrita pretéritas com as dele no presente, o que reafirma, portanto, a importância da presença da Filologia nos espaços de aprendizagem, o que nos conduz a refletir sobre a necessidade de pesquisas complementares a que se apresentou aqui, com o objetivo de cada vez mais aproximarmos os estudos filológicos realizados nos centros de pesquisa acadêmicos da formação de professores e do ensino de línguas na educação básica.

Referências

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

DUBOIS, Jean *et al.* *Dicionário de linguística*. 10ª reimp. São Paulo: Cultrix, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. *História do português*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2019.

FEIJÓ, João de Moraes Madureyra. *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a Língua Portuguesa*. Lisboa: Oficina Miguel Rodrigues, 1734.

GRUPO de Estudos de Filologia e História. Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPQ. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0243292877056805>. Acesso em: 03 jan. 2024.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. *A pontuação em manuscritos medievais portugueses*. Salvador: EDUFBA, 2004.

MORENO, Cláudio. *Guia prático do português correto: para gostar de aprender, volume 4: pontuação*. Porto Alegre, L&PM Pocket, 2011.

XIMENES, Expedito Eloísio. A Filologia no ensino de língua portuguesa. In: SILVA, Daianna Quelle da Silva Santos da; COSTA, Gilmar Souza (org.). *Ecos da escravidão em documentos literários e não literários: estudos filológicos, históricos e linguísticos*. Cachoeira, BA: CePLiB, 2016. pp. 23-34.